

**RUBEM
BRAGA**

LEMBRANÇA

DA

REVOLUÇÃO

Como não estava trabalhando em nenhum jornal, passei aqueles últimos dias de março de 1964 da maneira mais tranqüila possível: em Petrópolis. Como chovia! Gosto de Petrópolis com chuva, com muita chuva, das árvores, gordas de água, se mexendo no ar. Às vezes ouvia o rádio. Lembro-me por exemplo de que o valoroso Batalhão de Caçadores local partiu pela Estrada União e Indústria para enfrentar as tropas sublevadas que vinham de Minas. Havia um oficial, talvez o comandante, que se chamava Kerenski, nesse Batalhão Pedro II, o que nos dava um sentimento meio russo e meio monárquico da situação; mas a certa altura, de Areal ou de Três Rios, veio a voz de um outro oficial dizendo que o nosso glorioso Batalhão havia confraternizado com as tropas vindas de Minas.

Eu havia dormido tarde e acordei com um tiroteio tremendo. Tinha a impressão de que explodiam granadas junto à minha janela e, apesar de assustado, resolvi apelar para meus brios de correspondente de guerra de 32 e 44 e saí para ver

o fogo. Não era fogo, eram foguetes soltados da estação de rádio em cima do Dangelo, e a Pátria estava salva.

tantos anos
Agora, ~~um ano~~ depois, os generais estão fazendo discursos e dando entrevistas, discutindo quem foi que fez a Revolução, o que foi que fulano telefonou para sicrano, como se desenrolou a batalha naval do *Atrevida* e outros grandes lances. Sinto muito não poder cooperar para restabelecer a verdade histórica — pois, na verdade, eu não sei quem foi que fez a Revolução. Posso afirmar apenas que não fui eu. Tenho feito muitas coisas certas e erradas, mas essa, não. Na hora crucial creio que estava comendo uma empadinha no Dangelo e se telefonei para alguém foi para uma namorada que eu tinha naquele tempo. E que, por sinal, pela altura do Ato Institucional, me foi cassada.

Só me lembro que desci a serra em um ônibus, e que de vez em quando a gente tinha de parar porque havia tropas na estrada. Vinham algumas senhoras no ônibus. Em certo ponto, quando passamos por uma companhia, uma dessas senhoras gritou: "Viva o Exército brasileiro! Viva a Revolução! Vivam os heróis! Vamos bater palmas!" Os soldados olharam meio espantados; não sabiam, provavelmente, se eram contra ou a favor da Revolução, e, em todo caso, não se sentiam heróis, pois não tinha havido combate algum. Duas outras senhoras também bateram palmas, mas os homens dentro do ônibus se entreolharam, sorriram e acabaram rindo; era como se aquela coisa toda fosse um assunto especificamente feminino. Então o ônibus tocou — e a vida também. *E deu tudo no que se viu.*

Rev. Nae.
5/1/99

X

274